

AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA RELAÇÃO TEORIA-PRÁTICA: POSSIBILIDADES DE PESQUISAS

Leonéia Vitoria Santiago

Resumo

A opção de estudos desenvolvida por nós, no âmbito de mestrados e doutorados, têm a fenomenologia como postura epistemológica, pois o cerne das nossas indagações é o sentido de se ser no mundo. O pensar do homem cotidiano que cuida concretamente do seu modo de habitar o mundo, partilha e convive com os outros homens. No pensamento de Husserl seria o real interpretado como “fenômeno”. A fenomenologia ou questionamento do ser, não nasceu como um método rigoroso com procedimentos e instrumentais definidos, mas diluída nas obras de pensadores como Husserl, Merleau-Ponty, Ricoeur, Heidegger, Arendt entre outros. Esses autores, reúnem conceitos que fundamentam o modo fenomenológico de ver, uma orientação para o olhar, compreender e dizer, isto é, o seu caminho de produção do conhecimento (Critelli,1996). Esse ensaio visa apresentar a relação teoria-prática desenvolvida nos nossos estudos, numa tentativa de compreensão do sentido da vida, a partir da elaboração das representações sociais dos sujeitos. **Palavras-chave:** *epistemologia, fenomenologia, representações sociais, atividades físicas.*

1-Introdução

A base conceitual dos nossos estudos procura verificar as representações simbólicas, a construção dos sentidos que orientam a participação de adultos e idosos em atividades físicas e desportivas, os hábitos de vida dos grupos distintos. Os estudos nesta dimensão procuram compreender o fenômeno para poder interpretá-lo; e este compreender decorre de um *estado de ânimo*, onde Heidegger diz, que sempre evidencia o modo pelo qual o ser-no-mundo é afetado pelas coisas e/ou pelos outros que povoam os seus caminhos. Ontologicamente, o *estado de ânimo* é uma maneira do indivíduo referir-se ao mundo, aos entes, aos outros indivíduos e a si mesmo diante das situações do cotidiano. No âmbito fenomenológico-existencial não há indivíduo sem inserção *no-mundo*, sem o seu plexo de referências, sem o seu contexto de funcionalidade. A cada movimento humano surge sempre algo novo ou de novo, o que dá início a uma rede de relações significativas que vai se complementando no outro e com o outro. Também por meio do seu movimento vão iniciando algo novo ou de novo. Forma-se deste modo, uma trama de sentidos, e a esta rede de relações significativas Heidegger denomina de *mundo*. Sentido aqui é entendido como direção, como norte, como orientação fundamental das escolhas e é este sentido, o da existência que nos impulsiona pressionando as modificações do nosso mundo, do nosso lugar na vida, do nosso trabalho, do nosso lazer, enfim de todos os nossos hábitos. Assim, valorizamos e respeitamos tudo o que é dito ou compreendido pelos indivíduos e sempre a partir de uma visualização efetivamente contextualizada, pois é dentro deste movimento de realização que os comportamentos culturais se produzem. Casal (1996) diz-nos que a compreensão e a interpretação são os caminhos seguidos pelos estudos sócio-antropológicos, com o intuito de buscar teorias que permitam fundamentar e até sustentar epistemologicamente uma prática de campo. Olhar as Ciências do Desporto e a Educação Física por estas lentes ainda é uma tarefa difícil para

aqueles que enveredam por estes caminhos. Partimos da idéia que o *dever ser* do profissional de educação física está pautado na intervenção. Acreditamos na possibilidade de intervenção a partir da compreensão do funcionamento dos “mecanismos” adotados pelos adultos e idosos para resistirem e existirem no mundo da vida, a partir da adoção das atividades físicas como hábitos de vida. Os estudos desta natureza estão sujeitos, bem como as ciências naturais a princípios epistemológicos da explicação, da experimentação e da verificação. Sem perder de vista a dimensão dialética constante existente na relação teoria-prática. E deste modo organizamos o artigo do seguinte modo: - 1-Introdução, 2-Reflexões epistemológico-metodológica; 3) As representações sociais como campo de pesquisa; 4) Algumas considerações possíveis... as representações sociais na relação teoria-prática.

2- Reflexões epistemológico-metodológicas: primeiras aproximações à fenomenologia

*“Cada método é uma linguagem e a realidade responde na língua em que é perguntada.
Só uma constelação de métodos pode captar o silêncio que persiste entre cada língua que pergunta”
Boaventura de Sousa Santos (1997:48).*

A epistemologia tem como propósito as condições e os critérios de cientificidade dos discursos científicos efetivamente concretos numa organização teórica determinada. Ela funciona como a mola propulsora da pesquisa. Sob os pressupostos epistemológicos é construído o objeto científico e a problematização se circunscreve. Uma teoria do conhecimento organizada e criticada sistematicamente, voltada para a natureza da produção deste conhecimento e para as suas condições de efetivação. A reflexão intervenção é de algum modo o papel da epistemologia sobre a prática científica em todo o seu processo de elaboração, a fim de exercer uma vigilância do ideológico sobre o científico.

Sabemos que a metodologia enquanto prática crítica da investigação, deve necessariamente articular-se com o quadro conceitual de referência, que controla e orienta todo o processo de produção de conhecimento. De modo lato, entendemos a metodologia como um conjunto de procedimentos inerentes ao método, que orienta cada passo de uma prática científica.

Contudo, acreditamos que nem a metodologia nem a epistemologia podem ser compreendidas como um conjunto de procedimentos lineares, receitas com propostas normativas e a-históricas, a fim de garantir a cientificidade dos discursos (Almeida&Pinto, 1995). Optamos pela fenomenologia como postura epistemológica, pois o cerne da nossa questão é sempre o sentido de se ser no mundo, o pensar do homem cotidiano que cuida concretamente do seu modo de habitar o mundo, partilhando e convivendo com os outros homens, que no pensamento de Husserl seria o real interpretado como «fenômeno».

Nossos estudos são realizado sob a orientação fenomenológica o que de um modo geral podemos dizer que investigar é sempre colocar em andamento uma interrogação. É perguntar. Não se sai em busca da compreensão de um fenômeno tentando aplicar sobre ele uma resposta já sabida sobre ele mesmo. Investigar não é

assim, uma aplicação sobre o real do que já se sabe a seu respeito. Ao contrário, é a ele que perguntamos o que queremos saber dele mesmo.

A fenomenologia permite-nos várias maneiras de concreta e operacionalmente, a aproximação e a interpretação do real. De formas diversas e diferenciadas as “articulações metodológicas”, são sempre desenvolvidas num acordo com a questão e o fenômeno que provocam o querer saber a seu respeito. A fenomenologia, ou questionamento do ser, não nasceu como um método rigoroso com procedimentos e instrumentais definidos, mas diluída nas obras de pensadores como Husserl, Merleau-Ponty, Ricoeur, Heidegger, Arendt entre outros. Estes autores reúnem conceitos que fundamentam o modo fenomenológico de ver, uma orientação para o olhar, compreender e dizer, isto é, o seu caminho de produção do conhecimento (Criteili, 1996). A idéia fundamental, básica da fenomenologia, é a noção de intencionalidade. Esta intencionalidade é da consciência que sempre está dirigida a um objeto. Isto tende a reconhecer o princípio que não existe objeto sem sujeito. Investigar o “mundo vivido” pelos sujeitos (Triviños, 1990) a partir dos padrões metodológicos da descrição, da compreensão e da interpretação.

As articulações metodológicas utilizadas para a elaboração dos nossos estudos qualitativo, inserem-se numa perspectiva sócio-antropológica e caminha no veio fenomenológico-existencial.”... o objetivo de uma fenomenologia sócio-antropológica é o de encontrar ou reencontrar bases sólidas para uma metodologia específica para as ciências sociais e, em particular, para a antropologia” (Schutz in Casal, 1996:39). A especificidade científica da Antropologia, incluindo as suas fragilidades e as suas virtualidades epistemológicas, permite-nos admitir que os seus créditos teóricos e metodológicos procedam da própria natureza dos objetos estudados. Tal proposição é pertinente nestes estudos, pelo fato de pretendermos, como no entendimento de Giddens (1994), de ao estudarmos os hábitos e costumes, não nos limitarmos às suas formas manifestadas nos comportamentos, mas também atentarmos nas formas encobertas de ação, onde segundo o autor, se encontra o modo de sentir e pensar do grupo, todo o seu estilo de vida.

Junto com a fenomenologia, que tem como preocupação central o sentido de ser, percorreremos o caminho que privilegia no indivíduo os seus possíveis modos de ser no mundo, onde ele desde o nascimento assume tais modos, apropria-se, desenvolve-os e põe-nos em curso até morrer; portanto, uma articulação no âmbito da sua própria existência. Os movimentos, as falas fazem parte do ato de criação e manifestação do ser. Na fala os indivíduos veiculam os sentidos das coisas, daquilo que existe e lhe é apresentado através de alguma forma de linguagem. Em Heidegger encontramos a linguagem como a casa do ser, portanto o que surge é confirmado e preservado de algum modo na manifestação da fala, onde o discurso sempre é portador de um sentido, de um conteúdo discursivo. Ricoeur (1990) assegura que só há narrativa porque há um enraizamento do homem no mundo e uma pré-compreensão do mundo, da práxis, das suas estruturas inteligíveis, dos seus recursos simbólicos e do seu caráter temporal. A narrativa percebida como fenômeno do mundo, está enraizada numa realidade concreta, como por exemplo o escritor que é um ser enraizado no mundo e portanto um pré-compreensor. Ele ainda assegura que a vida é tempo, história e por isso mesmo linguagem. E assim acrescentamos que a análise fenomenológica se situa sob a orientação da análise discursiva, que busca sob a camada dos discursos uma constituição do sentido em relação ao dito.

3- As representações sociais como campo da pesquisa

“...descrever é uma representação do que é. Mas do ponto de vista linguístico — do qual nunca nos podemos abstrair em Antropologia, pois o discurso antropológico é um discurso natural-linguístico —, descrever é uma forma de falar para dizer o que é, é fazer o relato da representação do que a coisa é; também interpretar” (Casal, 1996:125).

As representações sociais estão inseridas nas linhas de pensamento que estudam o conhecimento do senso comum, mas afinal qual é a importância do seu estudo? Moscovici quando cria esta teoria procura “entender como o senso comum se apropria dos conhecimentos produzidos nas mais diversas áreas” (Sancovschi, 2007). A ciência é sem dúvida fundamental, mas só o é quando é incorporada no dia-a-dia dos indivíduos. Não lhe interessa que os conhecimentos por si produzidos fiquem alojados nos laboratórios e nas universidades.

Durante muitos séculos, o conhecimento produzido pelo senso comum foi considerado “confuso, inconsciente, desarticulado e fragmentado” (Nóbrega, 2001: 62), sem qualquer validade. Tanto o Iluminismo quanto o Marxismo acreditavam que a superação do erro e da ignorância se dava pela via do pensamento científico (Arruda, 2002). É então, através desta teoria que o conhecimento sobre o cotidiano, passa a ter importância. Este tipo de conhecimento ocorre nas comunicações dos seres humanos no seu dia-a-dia. À volta de uma mesa de um café, todos falam sobre tudo. Os sujeitos formam as suas opiniões, fazem perguntas às quais tentam dar resposta acerca dos mais variados assuntos, deste modo, todos os conhecimentos aprendidos, na escola, em casa, na rua ou através da comunicação social, acabam por ser partilhados, discutidos e modificados por todos os elementos de um grupo social. Por outro lado, existe o universo científico, onde há o certo e o errado, o verdadeiro e o falso, o autorizado e o não autorizado, o qualificado e o não qualificado. Neste universo, só os especialistas é que falam e a especialidade determina quem pode falar sobre o quê.

Os dois tipos de conhecimento, apesar de terem objetivos diferentes, são eficazes e indispensáveis para a vida humana. Não existe qualquer tipo de hierarquia ou isolamento. O que existe sim é um lugar onde o conhecimento científico se junta ao senso comum produzindo redes de comunicação, tornando a sociedade viva (Moscovici, 1988) cit. (Sancovschi, 2007).

E assim, com o advento da Teoria das Representações Sociais, o senso comum deixa de ser visto como conhecimento produzido pelo cidadão de segunda classe, mas como conhecimento legítimo e motor das transformações sociais (Spink, 1993). Que possui grande significado e merece sem dúvida a nossa atenção. O objetivo dos nossos estudos passam então por aproximar o saber do senso comum do conhecimento científico e deste modo, verificar como é que o conhecimento científico é aprendido e divulgado nas conversas que os alunos estabelecem entre si.

Segundo Schopenhauer (s/d: 11) cit. (Santiago, 1999: 179), “O mundo (...) é composto por duas metades dependentes essenciais, necessárias e inseparáveis”, o sujeito e o objeto. Sugere ainda que, bastaria apenas um sujeito e um objeto, mas, se esse único sujeito que percebe desaparecer, o mundo concebido como representação desaparecerá também. Trata-se então de uma relação indissociável, ou seja, o objeto não existe sem o sujeito e vice-versa. É o sujeito que atribui um significado ao objeto e este só existe se estiver relacionado com o sujeito. O objeto tem sempre de significar qualquer coisa para alguém. A representação está para o objeto numa relação de simbolizado e de interpretação, conferindo, deste modo, significados (Vala, 2000) cit. (Simões, 2007).

Porém, nem todos os objetos com os quais os sujeitos têm contacto, originam uma representação social e nem todos os grupos sociais são obrigados a ter uma determinada representação social. A forma de saber, se um determinado fenómeno é ou não alvo de representação social, é precisamente a realização de um estudo empírico. Grupos diferentes podem assim produzir representações diferentes sobre um mesmo objeto, uma vez que as representações sociais dependem dos conhecimentos dos indivíduos e do seu contexto sociocultural. Na visão de (Flament, 1981) cit. (Amâncio, 2001: 207), “o indivíduo é portador de cultura e das subculturas, dos valores, dos hábitos e dos códigos simbólicos”.

Ao nascer, o indivíduo encontra um universo simbólico previamente estruturado e nunca está sozinho no mundo. De fato, o ser humano não vive isolado, relaciona-se com outros seres humanos, é por isso um ser social. É a arte da convivência que torna a vida social possível. Para Costa & Almeida (2008) as representações sociais são uma forma de conhecimento individual, que só ocorre na interação com o outro, no mesmo momento em que esta interação se dá. Nesta linha de pensamento, as representações que os seres humanos elaboram são sobre as relações dos indivíduos, “com os outros, consigo próprios e com o objeto” (Madeira, 2001: 137).

As representações sociais fazem-se na comunicação, possibilitando ao mesmo tempo, essa mesma comunicação (Sancovschi, 2007). O homem é a única espécie que pode usar a linguagem e, por isso, planejar, pensar e comunicar a sua experiência. Um dos objetivos das representações sociais é justamente a comunicação (uso de palavras e de gestos), entre indivíduos. É através dela que eles expressam as representações sociais, sobre objetos que circulam e são valorizados por uma determinada comunidade. Como defende Madeira (2001: 126), “cada forma de comunicação tem por efeito a produção de representações sociais específicas, conforme a dinâmica das interações realizadas entre os sujeitos e o objeto”. No caso do uso de palavras, utilizando-se da linguagem oral ou escrita, os indivíduos explicam o que pensam, como percebem esta ou aquela situação, que opiniões formulam acerca de um determinado fenómeno que faz parte ou passa a fazer parte do seu dia-a-dia e que expectativas desenvolvem. Também conseguimos, em certa medida, conhecer o que existe na consciência de cada indivíduo, através do silêncio, dos gestos, da postura corporal e das expressões faciais.

Spink (1993), ao afirmar que conhecer uma coisa é falar dela, aproxima a linguagem do comportamento. A linguagem tem o poder de modificar o comportamento do sujeito, daí que o estudo das representações, permite compreender “qual o significado atribuído, por um determinado grupo social, tanto à situação propriamente dita, quanto aos comportamentos” (Campos, 2001: 114). Desde que nasce, o ser humano é submetido a histórias, conselhos, medos, exemplos, mentiras e verdades, uns com algum suporte no observável ou experimental, outros por serem credíveis e outros ainda por obediência e respeito pelo narrador. No entanto à medida que o homem se vai desenvolvendo, vive as suas próprias experiências e/ou observações que, complementadas por informações recebidas (em que acredita) e através delas, elabora a sua própria visão de mundo.

Estudar as representações sociais é considerar que os seres humanos além de manipularem informações agem e pensam. Através da linguagem e em relação com os outros seres, descrevem uma realidade, que não é real, mas sim imaginária. Ou seja, a realidade de como eles gostariam que fosse. Como nos indica Santiago (1999: 176) “o homem re-apresenta o mundo do modo que ele pensa que é e deve ser”.

Desse modo “a representação social funciona como um crivo de leitura do mundo, um prisma através do qual o indivíduo observa e compreende não só os fatos ao seu redor, mas também, a própria existência” (Moreira & Filho, 2001: 271). As

representações não são verdadeiras ou falsas, corretas ou incorretas. São simplesmente a interpretação que o homem faz da realidade que o rodeia e expressa essa percepção. Através da linguagem, as representações repetem-se e passam a ser entendidas como verdade para esse grupo, condicionando as condutas e os comportamentos dos seus elementos. Rouquette (2001: 48) indica-nos que as representações de um grupo “munem o conhecimento social de uma polarização (o bem e o mal, o útil e o inútil, o essencial e o acessório)”.

As representações sociais são então estratégias desenvolvidas pelos sujeitos para enfrentar a diversidade e a mobilidade de um mundo que, se encontra em constante mudança. As representações sociais possibilitam “a ação no mundo, mas não em um mundo dado que deve ser apreendido, mas num mundo criado e compartilhado coletivamente” (Sancovschi, 2007).

Tudo isto só faz sentido, se for situado num determinado tempo e espaço, ou seja, num contexto. Portanto, para estudar as representações sociais, é indispensável conhecer as características do contexto em que os indivíduos estão inseridos mediante a realização de uma cuidadosa análise contextual.

Isso porque, entendemos que as representações sociais são historicamente construídas e estão ligadas aos fatores socioeconômicos, e culturais. São expressas através de mensagens, refletindo-se nas atitudes dos seres humanos, nas práticas sociais, que partilham entre si. Segundo (Franco, 2004) é preciso ampliar esse conhecimento pela compreensão de um ser histórico, inserido numa determinada realidade familiar, com expectativas diferenciadas, dificuldades vivenciadas e diferentes níveis de apreensão da realidade. Portanto, as representações sociais refletem sempre as condições contextuais dos sujeitos que as produzem. É importante conhecer os sujeitos a nível das suas condições de subsistência, da sua situação educacional e até mesmo ocupacional.

Entretanto, é preciso considerar que o fato das representações sociais se originarem nas condições socioeconômicas e culturais, não impossibilita que os sujeitos lhes proporcionem um toque singular, uma vez que cada um está sujeito a experiências particulares, embora faça parte de um mesmo grupo social (Costa & Almeida, 2008). Neste caso, cada sujeito vai formando ao longo da sua vida, uma forma de pensar que embora diferente dos outros elementos do grupo, é também conivente com o sistema de pensamento do grupo onde está inserido. Esse sistema de pensamento é utilizado, tanto pelo indivíduo como pelo grupo, como referência para a interação positiva, ou negativa, de um novo objeto.

A representação social tem uma relação de apreensão (figuração) e de interpretação (dando-lhe significações), com o seu objeto. Ou seja, os seres humanos agem em relação aos fenômenos com base nos significados que esses fenômenos têm para eles. Esse significado ocorre devido à interação social que um sujeito tem com os seus pares, que se dá através da comunicação. Os fenômenos estão sempre ligados a um conjunto de significados/sentidos, que pertencem ao sistema de referências criado pelos seres humanos, que nos permitem interpretar o que ocorre conosco e dar sentido ao que conhecemos. Por exemplo, quando um aluno chega à escola, já possui uma representação desta, da forma como funciona. A partir daí ele imagina-se, ou não nesse contexto e vivência, age, interage, encontra sentido no que faz e no que não faz.

Na ideia de Moscovici, vivemos numa sociedade em que os conhecimentos vindos da ciência além de novos, são difíceis de compreender e por isso “...geram a sensação de estranhamento e de não-familiarização nos grupos sociais envolvidos com as mudanças.” (Reses, 2003). Se existem resistências para a aceitação de novos conhecimentos no mundo da ciência, com mais facilidade existirão resistências no senso

comum. Cabe então às representações sociais tornarem o novo, o estranho, o não-familiar num fenômeno conhecido, dando-lhe significado e clareza.

Este processo de tornar algo não-familiar em familiar não se faz no vazio, mas sim a partir do conhecimento já existente de forma a não colidir ou ameaçar a realidade pré-existente. O estranho atrai, intriga e perturba as pessoas e as comunidades, provocando nelas o medo da perda de referenciais habituais, do senso de continuidade e de compreensão mútua. O objetivo deste procedimento é restabelecer a identidade e coesão do grupo, perante um fenômeno que ameaça o seu equilíbrio e a sua ação. Esta é uma das grandes capacidades do ser humano, a capacidade de adaptação.

4- Algumas conclusões possíveis... as representações sociais na relação teoria-prática

Toda prática está inserida no contexto maior da ação histórica da humanidade que busca e constrói um novo projeto, uma nova realidade. Toda prática tem um sentido social e histórico (...) Gamboa (1995: 43).

Procuramos uma base teórica que suportasse os nossos estudos, pois estes eram advindos do conhecimento do senso comum. Surge-nos então a Teoria das Representações Sociais. A nossa idéia inicial (1993), acerca do conceito de representação era a de uma simples opinião, a respeito de um determinado objeto ou ser humano. Logo, nos apercebemos que esta noção é mais complexa.

O conceito de opinião refere-se ao que um indivíduo pensa a respeito de algo ou alguém, ou seja é um sistema articulado de idéias, valores, opiniões e crenças, desse indivíduo. É uma “posição relativa caracterizando um grupo particular em um dado momento a propósito de um objeto social” (Rouquette, 2001: 42).

Os indivíduos formam diversas opiniões acerca de um fenômeno, levando-os ou não, a tomar uma determinada atitude em relação a esse fenômeno¹. O que nos leva ao conceito de atitude. Este conceito remete à maneira de se comportar, de agir ou de reagir, em função de uma disposição interna. Pode ser uma relação positiva ou negativa direcionada a um objeto, estabelecida pelos membros de um grupo que produz uma visão de mundo organizada de acordo com os sentidos atribuídos. A atitude é um conceito que nos remete apenas para o indivíduo, para a sua opção no mundo da vida. Contudo, deparamo-nos com o conceito de representação. Representação é o conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento, o que nos leva a reprodução/produção daquilo em que se pensa fruto da percepção da realidade. A relação teoria-prática se faz presente constantemente nas ações cotidianas, nos hábitos de vida dos indivíduos.

A imaginação remete-nos conseqüentemente para a palavra imagem. Então qual será a diferença entre representação e imagem? A nossa mente possui a capacidade de criar imagens de objetos ou situações visíveis mesmo quando eles não estão materializados em frente dos nossos olhos. Ou seja, ainda não lhes tocamos, não os sentimos, não os vivenciamos, não tivemos experiência direta com eles.

¹ A palavra fenômeno é entendida, durante todo o texto, como sendo tudo o que manifesta: físico ou psíquico. Ou seja, é o que aparece, tanto aos sentidos como à consciência. “São os dados da experiência tais como podem ser apreendidos pela observação e experimentação” (Dicionário de Filosofia, 2000: 157). Fenômeno é então tudo o que se mostra ao sujeito, fazendo com que este se interogue.

Representação é uma interpretação. Nesta perspectiva, não é a natureza do conhecimento expresso em representações que está em causa, mas sim as suas implicações teórico- práticas na existência. As pessoas são entes que sentem, pensam e agem. E, agir é diferente de comportar-se. “Agir é atuar de modo próprio e intencional” (Carvalho, 2002: 55).

O que diferencia as representações das noções de imagem, atitude e opinião são as imersões, os vínculos entre os elementos do meio ambiente articulados nos processos de interação em que se formam as representações, ações e a elaboração de novos valores, novas condutas orientadoras em busca de uma segurança ontológica. Numa sociedade onde a palavra de ordem é a mudança, a educação apresenta-se como um meio capaz de induzir mudanças nas atitudes e nas práticas diárias dos sujeitos, ou seja, uma luta por transformações necessárias nas diferentes instâncias sociais.

Nos nossos estudos procuramos entender do dinamismo das relações, como o social interfere na elaboração das representações sociais dos indivíduos e como estas interferem na elaboração das representações sociais do grupo a que pertencem, numa troca dinâmica e constante.

E assim as representações sociais são a versão contemporânea do senso comum. São um conjunto de opiniões, crenças, valores, atitudes, imagens, normas e ideologias partilhadas por um grupo de indivíduos acerca de um fenómeno, produzidas no seu dia-a-dia, nas suas experiências empíricas, que se expressam nas formas de pensar, sentir e agir. São produzidas e divulgadas através das comunicações que estabelecem entre si e são situadas num determinado contexto histórico. É graças às representações sociais que os seres humanos percebem a realidade que os rodeia e nela interferem de forma a serem aceites no grupo social.

A nossa opção de pesquisa considera os estudos como uma obra aberta, pois sempre observa a dinâmica social. A sua continuação é sempre possível, pouco previsível e possibilita ao leitor, fazer as suas próprias inferências. A nossa preocupação não passa por dar explicações, fazer generalizações, criar princípios e leis, passa sim pela compreensão do fenómeno estudado.

Consideramos que o homem expressa determinada capacidade de ser e estar no mundo da vida, através dos conceitos, explicações e afirmações, advindas das interações sociais, com os outros e com o espaço que o circunscreve. Assim, a representação social diz respeito à maneira como nós, apreendemos os acontecimentos da vida cotidiana, as experiências e os saberes que recebemos através da educação e da comunicação social.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA (AINDA ESTÁ FORA NORMAS)

Almeida, M. (2000). *Senhores de si. Uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.

Alves, E., & et al. (2008). Anorexia Nervosa. *Cad. Saúde Pública, Rio de Janeiro, 24 (3) Mar.*, 503-512.

Amâncio, L. (2001). Género e Representações Sociais em Portugal. In A. S. Moreira, *Representações sociais: teoria e prática (173-202)*. Brasil: Universitária João Pessoa.

- American Psychiatric Association. (1996). *Manual de diagnóstico e estatística das perturbações mentais (DSM - IV)*. Lisboa: Climepsi.
- Apfeldorfer, G. (1997). *Anorexia, bulimia, obesidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Armour, K. (1999). The case for a body-focus in education and physical education. *Sport, education and society*. 4 (1), 5-15.
- Arruda, A. (2002). Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero. *Cadernos de pesquisa* 117 Nov., 127-147.
- Azevedo, A., & Gonçalves, A. (2007). Reflexões acerca do papel da re-significação do corpo pela Educação Física escolar, face ao estereótipo de corpo ideal construído na contemporaneidade. *Revista Conexões V. 5 n.º 1*, 69-85.
- Baitello Junior, N. (2008). Corpo e Imagem: Comunicação, Ambientes, Vínculos. In D. Rodrigues, *Os Valores e as Atividades Corporais* (95-112). São Paulo: Summus.
- Bardin, L. (2008). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Baudrillard, J. (1995). *A sociedade de consumo*. Lisboa: Edições 70.
- Beck, U. (2000). A reinvenção da política: rumo a uma teoria da modernização reflexiva. In U. Beck, A. Giddens, & S. Lash, *Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna* (1-52). Oeiras: Celta.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Brasão, I. (1999). *Dons e disciplinas do corpo feminino: os discursos sobre o corpo na História do Estado Novo*. Cruz Quebrada: Gráfica 2000.
- Bryant-Waugt, R., & Lask, B. (2002). *Doenças do comportamento alimentar: um guia para os pais*. Lisboa: Presença.
- Bursztyn, I., & Tura, L. (2001). Avaliação em saúde e a teoria das representações sociais: notas para análise de possíveis interfaces. In A. Moreira, *Representações sociais: teoria e prática* (89-102). Brasil: Universitária João Pessoa.
- Campos, P. (2001). Quando a exclusão se torna objecto de representação social. In A. Moreira, *Representações sociais: teoria e prática* (103-122). Brasil: Universitária João Pessoa.
- Carmo, I. (1994). *A vida por um Fio - A Anorexia Nervosa*. Lisboa: Relógio D'Água.
- Carmo, I. (2001). *Doenças do Comportamento Alimentar*. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.
- Carvalho, J. (2002). *Metodologia do trabalho científico. "Saber fazer" da investigação para dissertações e teses*. Lisboa: Escolar.
- Carvalho, M. (2001). O constructo das representações sociais: implicações metodológicas. In A. Moreira, *Representações sociais: teoria e prática* (441-450). Brasil: Universitária João Pessoa.

- Cicciarella, C. (1997). *Research in physical education, exercise science, and sport: an introduction*. Scottsdale: Gorsuch Scarisbrick.
- Coll, M., & Quinn, M. (1995). *Anorexia y Bulimia - Um Problema Actual*. Barcelona: Colimbo.
- Connell, R. (2002). *Gender*. Cambridge: Polity Press.
- Cordás, T., & Claudino, A. (2002). Transtornos alimentares: fundamentos históricos. *Revista Brasileira Psiquiátrica*, 24 (Supl. III), 3-6.
- Correia, C. (2006). *Corpo, jovens e prática de musculação: um estudo em frequentadores de academia na região do grande*. Porto: C. Correia. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Costa, A. (1986). A pesquisa de Terreno em Sociologia. In S. Augusto Santos, & P. José Madureira, *Metodologia das ciências sociais* (129-148). Porto: Afrontamento.
- Costa, W., & Almeida, A. (1999). Teoria das representações sociais: uma abordagem alternativa para se compreender o comportamento cotidiano dos indivíduos e dos grupos sociais. *Revista de Educação Pública*, V. 7 N.º 13 Junh/Dez, 250-280.
- Costa, W., & Almeida, A. (2008). *www.ufmt.br*. Obtido em 19 de Outubro de 2008, de Universidade Federal de Mato Grosso disponível em: http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev13/as_teorias_das_repres.html
- Crespo, J. (1990). *A História do corpo*. Lisboa: Difel.
- Cunha e Silva, P. (2005). *O lugar do corpo*. Porto: P. Cunha e Silva. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Damico, J. (2007). O cuidado com o corpo como estratégia de sujeitos generificados. *Movimento*, V.13 N.º 1 Jan/Abr, 93-117.
- Denzin, N., & Lincoln, Y. (2000). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Dicionário de Filosofia. (2000). *Dicionário de Filosofia*. Porto: Porto Editora.
- Duarte, C., & Mourão, L. (2007). Representações de adolescentes femininas sobre os critérios de selecção utilizados para a participação em aulas mistas de educação física. *Movimento*, V.13 N.º 1 Jan/Abr, 37-56.
- Ferreira. (1998). Atitudes perante a sociedade. In Pais, & e. al., *Gerações e valores na sociedade portuguesa contemporânea* (147-244). Lisboa: Universidade de Lisboa. Instituto de Ciências Sociais.
- Fortín, M. (1999). *O Processo de Investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- Fortín, M., Côté, J., & Vissandjée, B. (1999). A Investigação Científica. In M. Fortín, *O Processo de Investigação: da concepção à realização* (15-24). Loures: Lusociência.

- Franco, M. (2004). Representações sociais, ideologia e desenvolvimento da consciência. *Cadernos de pesquisa V. 34 N.º 121 Jan/Abril*, 169-186.
- Freire, J. (2008). Um mundo melhor, uma outra Educação Física. In D. Rodrigues, *Os Valores e as Atividades Corporais* (51-74). São Paulo: Summus.
- Furlan, A. (2006). Anorexia em alunas de Educação Física. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*, 5 (especial), 23-30.
- Gaarder, J. (1996). *O Mundo de Sofia*. Lisboa: Presença.
- Garcia, R. (1998). *Lição de Síntese. Elaborada para a obtenção do título de Agregado no 6.º grupo de disciplinas da FCDEF.UP*. Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Garcia, R. (1999). Da desportivização à somativização da sociedade. In J. Bento, R. Garcia, & A. Graça, *Contextos da Pedagogia do Desporto* (113-163). Lisboa: Livros Horizonte, Cultura Física.
- Garcia, W. (2005). *Corpo, Mídia e Representação: estudos contemporâneos*. São Paulo: Thomson.
- Gaya, A. (2006). A reinvenção dos corpos: por uma pedagogia da complexidade. *Sociologias*, ano 8, n.º 15, Jan/Jun, 250-272.
- Gervilla, E. (1993). *Postmodernidad y educacion : valores y cultura de los jovenes*. Madrid: Dykinson.
- Gomes, P., Silva, P., & Queirós, P. (2000). *Equidade na educação: educação física e desporto na escola*. Queijas: Associação Portuguesa A Mulher e o Desporto.
- Gomes, R. (2008). Habeas Corpus. In D. Rodrigues, *Os Valores e as Atividades Corporais* (147-178). São Paulo: Summus.
- Gonçalves, S. (1998). *Perturbações do Comportamento Alimentar - estudo da prevalência junto de uma população universitária feminina*. Braga: S. Gonçalves. Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.
- Grawitz, M. (2001). *Méthodes des sciences sociales*. Paris: Dalloz.
- Guedes, L. (2002). A investigação qualitativa e a realidade existencial da escola. In L. Guedes, *A escola e os actores - políticas e práticas*. Porto: Centro de formação do SPZN.
- Guerra, I. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo. Sentidos e formas de uso*. Estoril: Principia.
- Habermas, T. (1986). Friderada: a case of miraculos fasting. *international Journal of Eating Disorders*, 5., 555-562.
- Heritier, F. (1998). *Masculino feminino: o pensamento da diferença*. Lisboa: Instituto Piaget.

- Hollanda, M. P. (2001). A teoria das representações sociais como modelo de análise do contexto escolar. In A. Moreira, *Representações sociais: teoria e prática* (451-463). Brasil: Universitária João Pessoa.
- Jana, J. (1995). *Para uma teoria do corpo humano: apresentação e crítica da teoria do corpo humano*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Ketele, J., & Roegiers, X. (1999). Metodologia da recolha de dados: fundamentos dos métodos de observações, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos. Lisboa: Instituto Piaget.
- Krebs, R. (2008). Os valores da inteligência humana no contexto das atividades corporais: um modelo teórico da inteligência humana. In D. Rodrigues, *Os Valores e as Atividades Corporais* (179-196). São Paulo: Summus.
- Le Breton, D. (1992). *Anthropologie du corps et modernité*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Le Breton, D. (1999). *L' adieu au corps*. Paris: Éditions Métailié.
- Le Breton, D. (2003). *Adeus ao corpo. Antropologia e sociedade*. Campinas: Papirus.
- Le Breton, D. (2007). *A Sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes.
- Lessard-Hebert, M., Goyette, G., & Boutin, B. (1994). *Investigação qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lipovetsky, G. (1989a). *A era do vazio*. Lisboa: Relógio D' Água.
- Lipovetsky, G. (1989b). *O império do efêmero: a moda e o seu destino nas sociedades modernas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Lipovetsky, G. (1994). *O crepúsculo do dever: a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Lovisoló, H. (1997). *Estética, esporte e educação física: ensaios*. Rio de Janeiro: Sprint Editora.
- Madeira, M. (2001). Representações sociais e educação: importância teórico-metodológica de uma relação. In A. Moreira, *Representações sociais: teoria e prática* (123-144). Brasil: Universitária João Pessoa.
- Mauss, M. (1974). *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Pedagógica e Universitária Lda.
- Merleau-Ponty, M. (1999). *Fenomenologia da percepção*. S. Paulo: Martins Fontes.
- Meyer, D. (2003). Género e educação: teoria e política. In G. Louro, J. Neckel, & S. Goellner, *Corpo, gênero e sexualidade : um debate contemporâneo na educação* (9-27). Petrópolis: Vozes.
- Moreira, A., & Sousa Filho, E. (2001). Representações sociais da Epilepsia: como me percebo...como sou percebido. In A. Moreira, *Representações sociais: teoria e prática* (203-222). Brasil: Universitária João Pessoa.

- Moreira, W., Porto, E., Carbinatto, M., & Simões, R. (2008). Do corpo à corporeidade: a arte de viver o movimento no esporte. In D. Rodrigues, *Os Valores e as Atividades Corporais* (127-146). São Paulo: Summus.
- Moreira. (1994). *Planeamento e estratégias da investigação social*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- Nóbrega, S. (2001). Sobre a teoria das representações sociais. In A. Moreira, *Representações sociais: teoria e prática* (55-88). Brasil: Universitária João Pessoa.
- Pais, A. (2007). *O Herói desportivo: do alto rendimento à escola: estudo centrado em jovens do Terceiro Ciclo do Ensino Básico do Grande Porto*. Porto: A. Pais. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Pais, J. (1996). *Culturas Juvenis*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda.
- Pardal, L., & Correia, E. (1995). *Métodos e Técnicas de Investigação Social*. Porto: Areal Editores.
- Pereira, A. (1998). *Considerações acerca da relação corpo e desporto numa perspectiva ecológica*. Porto: A. Pereira. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Pereira, A. (2004). *Para uma Visão Fenomenológica do Corpo Contemporâneo. Contributo a partir do Alpinismo e das Ginásticas de Academia*. Porto: A. Pereira. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Pereira, A. (2006). *Motricidade Humana: a Complexidade e a Praxis Educativa*. Porto: A. Pereira. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Pereira, C. (2008). Construindo a feminilidade na cultura da magreza: um estudo sobre corporalidade, adolescência e anorexia. In E. Romero, & E. Pereira, *Universo do corpo: masculinidades e feminilidades* (165-190). Rio de Janeiro: Shape.
- Pereira, M., Amaral, V., & Soares, S. (1997). Identidades sociais e representações sociais dos adolescentes acerca da sida. *Análise psicológica* 4 (XV), 617-636.
- Queirós, P. (1996). O corpo na educação física: uma leitura axiológica. In A. Pereira, A. Costa, & R. Garcia, *O desporto entre lugares. O lugar das Ciências Humanas para a compreensão do desporto* (173-198). Porto: Faculdade de Desporto - Universidade do Porto.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Ramalho, M. (2001). A sogra de Rute ou intersexualidades. In B. d. Santos, *Globalização: fatalidade ou utopia?* (525-555). Porto: Edições Afrontamento.
- Ribeiro, A. (2005). *O corpo que somos. Aparência, Sensualidade, Comunicação*. Cruz Quebrada: Casa das letras.

- Rodrigues, D. (2008). Corpo, Técnica e Identidade. In D. Rodrigues, *Os Valores e as atividades corporais* (11-26). São Paulo: Summus.
- Rouquette, M. (2001). Introdução ao estudo do conhecimento social. In A. Moreira, *Representações sociais: teoria e prática* (31-48). Brasil: Universitária João Pessoa.
- Ruquoy, D. (1997). Situação de entrevista e estratégia do entrevistador. In L. Albarello, *Práticas e métodos de investigação em ciências sociais* (84-116). Lisboa: Gradiva.
- SÁNCHEZ GAMBOA, S. Teoria e Prática: uma relação dinâmica e contraditória. In: **Revista Motrivivência**. Florianópolis, ano 7, n. 8, dez., 1995, p. 31-45.
- Sancovschi, B. (2007). Sobre a noção de representação em S. Moscovici e F. Varela. *Psicologia & Sociedade V. 19, N.º 2 Maio/Agost, 7-14*.
- Santiago, L. (1999). *Os valores orientadores das práticas desportivas em grupos emergentes da terceira idade: um estudo sobre as suas construções simbólicas*. Porto: L. Santiago. Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Santiago, L. (2006). Os valores orientadores das práticas desportivas em grupos emergentes da terceira idade. In A. Pereira, A. Costa, & R. Garcia, *O Desporto entre lugares. O lugar das ciências humanas para a compreensão do Desporto*. (245-263). Porto: Universidade do Porto. Faculdade de Desporto.
- Santiago, L. (2008a). Corpo, Tempo e Valores Contemporâneos. In A. Albuquerque, L. Santiago, & N. Fumes, *Educação Física, Desporto e Lazer: perspectivas luso-brasileiras* (199-208). Castelo da Maia/Alagoas: Ismai/Ufal.
- Santiago, L. (2008b). *Apontamentos da disciplina Métodos e Técnicas de Investigação*. Maia.
- Santin, S. (2001). *O corpo simplesmente corpo. Revista Movimento Ano 7, n.º 15*.
- Santos, B. (2002). *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. Lisboa: Edições Afrontamento.
- Silverman, D. (2000). Analysing talk and text. In N. Denzin, & Y. Lincoln, *Handbook of qualitative research* (821-834). Thousand Oaks: Sage Publications.
- Simões, E. (2007). Representações sociais da escola rural de meados do século XX em Portugal. *Análise Psicológica 2 (XXV)*, 211-228.
- Soares, M. (2002). *Representações do corpo no idoso: estudo centrado em comunidades rurais do Concelho de Montalegre*. Porto: M. Soares. Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto.
- Spink, M. (1993). O Conceito de Representação Social na Abordagem Psicossocial. *Cadernos de Saúde Pública 9 (3) Jul/Set*, 300-308.
- Sprinthall, N., & Collins, A. (1999). *Psicologia do adolescente - uma abordagem desenvolvimentista*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Touraine, A. (1994). *Crítica da modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget.

Tuckman, B. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Turner, B. S. (1996). *Teoria social*. Algés: Difel 82 - Difusão Editorial, S. A.

Vala, J. (1986). A análise de conteúdo. In A. Silva, & J. Pinto, *Metodologia das Ciências Sociais* (101-128). Porto: Edições Afrontamento.

Vicente, A. (2000). Direito das mulheres/Direito dos homens. *Cadernos da Condição Feminina. CIDM. Lisboa*.

Wagner, W. (2001). História, memória e senso comum - representações sociais e Interdisciplinaridade. In A. S. Moreira, *Representações sociais: teoria e prática* (15-29). Brasil: Universitária João Pessoa.

Weitzman, E. (2000). Software and Qualitative research. In N. Denzin, & Y. Lincoln, *Handbook of qualitative research* (803-820). Thousand Oaks: Sage Publications.